



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

MARIA DAGNA SOARES CARNEIRO

VELHICE E SOLIDÃO EM “CLÍNICA DE REPOUSO” DE DALTON TREVISAN

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2017**

MARIA DAGNA SOARES CARNEIRO

VELHICE E SOLIDÃO EM “CLÍNICA DE REPOUSO” DE DALTON TREVISAN

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vaneide Lima Silva.

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C289v Carneiro, Maria Dagna Soares
Velhice e solidão em "clínica de repouso" de Dalton Trevisan
[manuscrito] / Maria Dagna Soares Carneiro. - 2017.
29 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e
Agrárias, 2017.
"Orientação: Dra.Vaneide Lima Silva, Departamento de
Letras e Humanidades".

1.Velhice 2.Solidão. Conto. Dalton Trevisan. I. Título.
21. ed. CDD 801.95

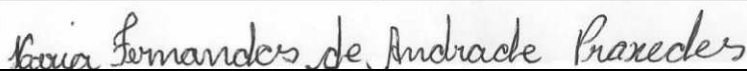
VELHICE E SOLIDÃO EM “CLÍNICA DE REPOUSO” DE DALTON TREVISAN

MARIA DAGNA SOARES CARNEIRO

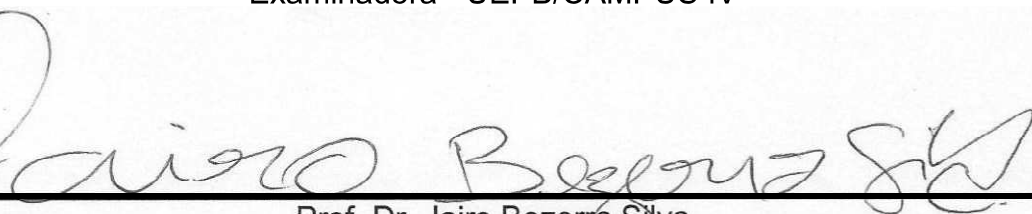
APROVADO EM: 10 de agosto de 2017.



Prof^a. Dr^a. Vaneide Lima Silva
Orientadora - UEPB/CAMPUS IV



Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes
Examinadora - UEPB/CAMPUS IV



Prof. Dr. Jairo Bezerra Silva
Examinador – UEPB/CAMPUS IV

Dedico este trabalho a Deus, pois é digno de toda honra e toda glória.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ter me proporcionado a realização deste trabalho. A ele atribuo toda a minha força e gratidão.

Aos docentes do Curso de Licenciatura Plena em Letras CAMPUS IV da UEPB, pelas experiências e aprendizados compartilhados durante as aulas.

A minha orientadora Vaneide Lima Silva, pela dedicação e empenho na construção deste trabalho.

A minha família, que é a base que me sustenta nos momentos de dificuldades, especialmente à minha mãe Dilma e meu pai Segundo, bem como meus irmãos: Agda, Daniel e José Welitom *in memoriam*, além de meu cunhado José Carlos.

De forma geral, agradeço a todos que torcem pelo meu sucesso.

“Descansa um pouco no banco da praça, quem sabe arrimado na bengalinha, e já de volta. Repuxa o pé frio, esfrega na mão descarnada o sinal dos últimos dias. Sem falar na verruga, panariz, unha encravada, fístula, pinta cabeluda, pereba, antraz maligno. Ainda soberbo e pimpão, olho lacrimoso mas cúpido, a eterna bolha de espuma na boquinha torta, **lá vem o velho soprando forte**, bem vivinho para a ronda dos corredores”.

(Grifo nosso. “Os velhinhos”, Dalton Trevisan)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1 BREVE APRESENTAÇÃO DE DALTON TREVISAN.....	09
1.1 Vida e obra.....	09
2 O PAPEL DO VELHO NA SOCIEDADE CONTEMPORANEA.....	11
2.1 A solidão na velhice.....	16
3 LEITURA DE “CLÍNICA DE REPOUSO”: um retrato da realidade.....	18
3.1 Desvendando o enredo de “Clínica de repouso”.....	19
3.2 A realidade dura e cruel da “Clínica de repouso”.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	26

VELHICE E SOLIDÃO EM “CLÍNICA DE REPOUSO” DE DALTON TREVISAN

Maria Dagna Soares Carneiro *

RESUMO

No livro *O pássaro de cinco asas*, (1974) o escritor curitibano Dalton Trevisan retoma o painel da sociedade contemporânea, na medida em que nos apresenta diferentes figuras humanas cujas situações por elas vividas e seus principais dramas percorrem a obra do contista. É bastante comum nos depararmos com um narrador que transita pelos mais variados espaços da cidade de Curitiba para revelar a inutilidade de qualquer ação do ser frente à realidade. Seus personagens em geral acabam se tornando vítimas de uma existência completamente destituída de méritos, recebendo como prêmio, a solidão, a morte, ou até mesmo a pura e simples alienação. Tomando como objeto de estudo um dos contos dessa coletânea, mais especificamente a narrativa “Clínica de repouso”, percebemos que um de seus personagens principais, Dona Candinha, por ousar contestar novos valores, que se insurgiram contra aqueles sobre os quais acreditara toda sua vida, é completamente destruída pelo sistema e termina relegada à solidão. Diante dessa constatação, decidimos por analisar dona Candinha e os demais personagens desse conto, com o objetivo de identificar de que modo a velhice é representada nessa narrativa. Para tanto, recorreremos aos estudos de Brait (1985), Beauvoir(1990), Bosi (1994) entre outros.

Palavras-chave: Velhice. Solidão. Conto. Dalton Trevisan.

INTRODUÇÃO

Na coletânea de contos intitulada *O pássaro de cinco asas*, de 1974, o escritor curitibano Dalton Trevisan retoma o painel da sociedade contemporânea, na medida em que nos apresenta diferentes figuras humanas cujas situações por elas vividas e seus principais dramas percorrem a obra do contista, que, nessa coletânea, gira em torno da degradação da família e a solidão existencial. Na obra de Dalton Trevisan é bastante comum nos depararmos com um narrador que percorre os mais variados espaços da cidade de Curitiba para revelar a inutilidade de qualquer ação do ser frente à realidade. Por situar a maioria de seus personagens na cidade, especialmente Curitiba, recriando um cotidiano sofrido e

* Aluna de Graduação em Licenciatura Plena em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV.
Email: dagnasoares11@gmail.com

angustiante, Dalton Trevisan se tornou conhecido pela imprensa pelo codinome “Vampiro de Curitiba”, título que se justifica pelo fato de o escritor se negar a comparecer a entrevistas e acontecimentos sociais, principalmente quando se refere ao recebimento de prêmios pela publicação de alguma obra.

Seus personagens em geral acabam se tornando vítimas de uma existência completamente destituída de méritos, recebendo como prêmio, a solidão, a morte, ou até mesmo a pura e simples alienação. Tomando como objeto de estudo um dos contos dessa coletânea, mais especificamente a narrativa “Clínica de repouso”, percebemos que um de seus personagens principais, Dona Candinha, por ousar contestar novos valores, que se insurgiram contra aqueles sobre os quais acreditara toda sua vida, é completamente destruída pelo sistema, relegada à solidão. Ao final da narrativa nos deparamos com dona Candinha completamente abandonada pela filha, vivendo num hospício, e seu único ponto de contato com o mundo é uma mosca que “há três dias, afeiçoada à velhinha, não foge (...) por entre as grades da janela” (TREVISAN, 1995, P. 20). O abandono na velhice constitui, assim, a tônica deste conto, o qual nos motiva a buscar identificar de que maneira a velhice é representada nessa narrativa. Para tanto, nos deteremos na análise de dona Candinha e os demais personagens que protagonizam o conto.

Trata-se, portanto, de um estudo de crítica literária, cujo *corpus* analítico é constituído do conto selecionado para o desenvolvimento dessa pesquisa, que assume, desse modo, o caráter de bibliográfica, pois consiste em um levantamento de informações sobre a temática estudada que irão auxiliar no embasamento teórico da pesquisa.

Desse modo, estruturamos o trabalho da seguinte maneira: inicialmente, fazemos uma rápida apresentação do escritor e sua obra para, num segundo momento, expor um breve panorama sobre a condição do velho na sociedade contemporânea, já que esta se configura como uma das temáticas centrais no conto em questão. Por fim, no terceiro momento, analisamos a narrativa “Clínica de repouso”, a partir de seus personagens principais, buscando explicitar o lugar que o velho ocupa na sociedade atual.

Acreditamos que o estudo contribua para a formação humana de seus leitores, tornando-os capazes de opinar, refletir e posicionar-se em relação a questões como a velhice, aspecto da sociedade tão presente em nossa realidade

brasileira. Esperamos, sobretudo, que a análise do tratamento dispensado à velhice no conto ajude a refletir sobre o lugar que o velho ocupa em nossa sociedade.

1 BREVE APRESENTAÇÃO DE DALTON TREVISAN

1.1 Vida e obra

Dalton Trevisan é visto pela crítica em geral como um dos ícones da Literatura brasileira, e encarado como um ser exotérico, por se tratar de uma figura enigmática que acaba se refletindo em grande parte de sua obra. O vampiro de Curitiba, como foi apelidado pela imprensa, por não gostar de se apresentar em público, integra hoje um lugar de destaque na produção de contos da Literatura brasileira.

Segundo o Site do próprio autor, podemos afirmar que Dalton Jérson Trevisan nasceu em 14 de junho de 1925, em Curitiba. Formou-se na Faculdade de Direito do Paraná e antes de chegar ao grande público, quando ainda era estudante de Direito, costumava lançar seus contos em modestíssimos folhetos. Em 1945 estreou-se com um livro de qualidade incomum, *Sonata ao Luar*, e, no ano seguinte, publicou *Sete Anos de Pastor*.

Vale ressaltar que Trevisan é reconhecido pela maioria dos críticos como um dos maiores contistas vivos da literatura brasileira. São mais de 40 obras publicadas no país e entre as mais conhecidas estão: *Novelas nada exemplares* (1959), *O rei da terra* (1972), *O vampiro de Curitiba* (1965), *A polaquinha* (1985), *Pico na veia* (2002), *Cemitério de elefantes* (1968) e *Guerra conjugal* (, sendo algumas delas traduzidas para outras línguas.

Sempre enigmático por seu jeito recluso de ser, usa a arte de escrever para descrever os mistérios e conflitos que rodeiam a vida dos seres humanos. Para narrar suas histórias o autor busca se aproximar o máximo da realidade desse universo peculiar, tendo a cidade de Curitiba como o centro dos acontecimentos.

Como um dos principais autores contemporâneos da atualidade é reconhecido por trazer ao leitor uma literatura reflexiva que leva o sujeito ao real, pois a maioria de suas obras são escritas através de relatos do cotidiano registrados pelo autor nas noites curitibanas. Conforme relatos de pesquisadores, enquanto a

cidade dorme Trevisan sai às ruas em busca de registros e flagrantes que o expiram a criar suas obras.

São situações diversas: como os conflitos entre a relação de homem e mulher que são marcas registradas nas obras do autor; como a mulher é vista e tratada na sociedade machista, as relações de submissão, ciúmes e violências, dando ênfase também a vida das prostitutas; e mostrando o homem como dominador que busca a satisfação sexual para se auto-afirmar perante o mundo. Outro ponto recorrente é a relação entre a família e os atritos do dia a dia, sempre mostrando o lado patriarcal do homem e delimitando o valor feminino.

De acordo com Gomes e Vechi (1981), narradas sempre na grande Curitiba e retratando a vida da classe média baixa, além de trazer uma linguagem incisiva e concisa, a maioria das obras de Trevisan condiciona o homem a uma série de conflitos diários que o leva a reafirmar seu papel de sobrevivente em uma sociedade que exige o cumprimento de determinadas normas para se certificar de seu real significado perante o contexto em que está inserido. Independentemente do gênero, as personagens do autor tem sempre um mesmo destino, a solidão e a perda da identidade, mediante os problemas que o indivíduo tem que enfrentar muitas das vezes sem solução, o mesmo se depara num estado de extremo fracasso, no qual a única saída é enfrentar seu destino solitário tendo em mente que a recusa será mais agravante.

Foram diversas histórias publicadas sempre abordando esse universo pitoresco, no qual o autor se apresenta. Além de suas obras, o que também chama a atenção dos críticos é a forma como Trevisan encara o sucesso, pois todos que ouvem falar dele sabem que o mesmo é avesso a entrevistas ou a qualquer vínculo que haja com a imprensa, conforme já afirmamos. Essa é uma característica rotineira na vida do contista. Ganhou de vários prêmios da literatura brasileira entre eles o Prêmio Camões de 2012, ano em que também recebeu o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra, entre outros, não apareceu para receber nenhum deles, deixando a crítica ainda mais apreensiva.

Dalton teve seu primeiro livro publicado em 1959, o qual recebeu o título *Novelas Nada Exemplares*. A obra que traz 30 (trinta) contos rendeu ao contista o prêmio Jabuti por condicionar o leitor a uma literatura diversificada e renovadora. Assim como na maioria de suas histórias, nesta obra o autor se baseia na vida-comum das pessoas para escrever narrativas que expressam os sonhos; as

fantasias; os desejos mais ocultos dos seres humanos; os conflitos vividos continuamente na família, no casamento, no amor, no sexo. Ou seja, são diversos fatores associados dentro de um mesmo contexto.

O contista teve a maioria de suas obras escritas e publicadas no período da ditadura militar no Brasil, tempo em que o país atravessava uma verdadeira crise na política, na economia, na industrialização, nas relações de poder, entre outros fatores. Contudo, aparentemente o autor não fez disto um ponto de partida para escrever suas narrativas. Ainda de acordo com Gomes e Vechi (1981), Dalton Trevisan presenciou esse período conturbado de nossa história, porém, não fez dele a preocupação imediata de sua obra. À primeira vista poder ser considerado completamente desvinculado da realidade de seu tempo. Os autores ainda vão dizer que o realismo abordado na obra de Trevisan condiz com o da sociedade brasileira anterior a 1960, isto é, o período que antecede o da industrialização, porém, essa sociedade das décadas de 40 e 50 retratada nas narrativas se reflete também no período seguinte, já que os problemas da época segue mesmo com a redemocratização do país, pois o autor denuncia um país sempre em crise e onde suas personagens estão sempre buscando a realização do sonho, seja ele qual for.

Portanto, pode-se perceber que essa cultura literária abordada por Trevisan reflete até os dias atuais, pois é um retrato vivo da alma humana; é a arte imitando a vida real através de contos, poemas, romances e relatos que expõe a visão do autor perante a sociedade moderna, a qual desumaniza, na maioria das vezes, como ocorre com Dona Candinha, que ao invés de contar com o acolhimento e o carinho de sua filha, é desprezada e incompreendida pela mesma.

2 O PAPEL DO VELHO NA SOCIEDADE CONTEMPORANEA

A velhice é um processo natural decorrente de uma vida longa, no qual nos denota a figura da pessoa com mais idade e uma bagagem de experiências e vivências bem maiores. Mas também, é nessa fase que os idosos necessitam de cuidados especiais, pois os mesmos se sentem cansados, enfadonhos, fragilizados e com a saúde um pouco debilitada; muitos não têm domínio de sua autonomia. Diante desse contexto, compreendemos a velhice como um fenômeno biológico com consequências psicológicas, e entendemos que alguns fatores e comportamentos são resultados da idade.

Segundo Beauvoir (1990, *apud* Daltoé, 2009, p.18), “a idade modifica a relação do sujeito com o tempo: ao longo dos anos o futuro encolhe enquanto o passado vai-se tornando pesado”. Desse modo, pode-se definir o idoso como alguém que tem um passado longo e um futuro com poucas expectativas, pois, a velhice não só traz ao sujeito a visão de que lhe resta um prazo menor de vida, mas o ajuda a compreender também sua reação com as coisas e com o tempo. De acordo com: Beauvoir (1990, p. 290).

“A partir de certo limiar, variável de acordo com os indivíduos, o homem idoso toma consciência de seu destino biológico: o número de anos que lhe restam para viver é limitado. Se, aos 65 anos, um ano lhe parecesse longo quanto na infância, o lapso de tempo com o qual ele pode racionalmente contar ultrapassaria ainda sua imaginação, mas isso não ocorre. Esse prazo lhe parece tragicamente curto, porque o tempo não corre do mesmo modo nos diversos momentos de sua existência: ele se precipita na medida que envelhecemos.”

Mediante ao que nos apresenta a autora, compreendemos que a cada ano que o indivíduo vivência é significativo para o mesmo, principalmente quando esse se encontra na terceira idade, fase da qual lembra ao sujeito de que está cada vez mais próximo do fim da vida. Por essa razão talvez seja muito comum o fato de muitos idosos não enxergarem com naturalidade a passagem do tempo, pois ao se depararem com a velhice, muitos deles têm a consciência de que lhes restam um prazo menor de vida do que o anterior e isso pode ser muito angustiante para alguns, o que justifica o sofrimento de muitos deles com a proximidade da velhice.

Ainda de acordo com Beauvoir (1990, *apud*, Daltoé, 2009, p.15), “com a chegada da terceira idade, alguns problemas de saúde passam a ser mais freqüentes, e outros, incomuns nas fases de vida anteriores, começam a aparecer, sendo alguns mais suscetíveis nessa fase”. O ancião fica mais vulnerável e por isso tem mais facilidade para adoecer. Além de problemas de saúde do corpo, outros bem recorrentes na vida do idoso são os traumas psicológicos que os mesmos passam a enfrentar com o avanço da idade.

A autora coloca que são diferentes fatores que causam esses traumas: as perdas físicas e emocionais, em alguns, o sentimento de fracasso, o receio com a aparência estética, o medo da solidão, pois sabe-se que nesta etapa da vida o sujeito ancião se vê muita das vezes sozinho, sem o afeto da família, e isso afeta diretamente seu lado emocional causando-lhe danos profundos, além de lembranças

trazidas de sua vivencia desde a infância até a fase atual, ou seja, ele se depara com toda a complexidade de lembranças passadas tendo que enfrentar o novo. Dessa forma Beauvoir, (1990, p. 289,) destaca que:

“(...) É vítima de complexos que precisam superar; tem sentimentos de culpa, tem vergonha, ansiedade. As más lembranças rechaçadas na idade adulta despertam de novo no velho. As barreiras que o adulto conseguirá estabelecer enquanto tinha atividades e enquanto estava submetido a uma pressão social desmoronam, no ócio e no isolamento da última idade. Provavelmente, também, o traumatismo narcísico provocado pela chegada da velhice enfraquece as defesas do sujeito: os conflitos da infância e da adolescência despertam”.

Dessa forma, entende-se que envelhecer é um processo múltiplo que traz diferentes conceitos e é rodeado de alguns mitos que precisam ser superados com a chegada da nova idade. Muitos ao chegar nessa fase, além de sofrerem com problemas de saúde, enfrentam sérios traumas causados por danos do passado, provavelmente conflitos que marcaram sua infância, adolescência e até a vida adulta. Ou seja, devido ao estado de decadência que muitos idosos se encontram, como o abandono, a solidão e as doenças, é compreensível que a maioria sofra com esses tipos de traumas.

Segundo Motta (1999), é difícil reconhecer-se como velho porque a velhice está muito mais associada à decadência física, mental e social, do que às propaladas experiências. Diante disso, entende-se o porquê que muitos quando chegam a determinada idade não admitem que estão envelhecendo, pois envelhecer para a maioria é sinônimo de fim, de término de vida, talvez por ser vista como a fase antecessora da morte, essa etapa da vida humana traz consigo tantos mitos. Porém Fraimam (1995, *apud*, Daltoé, p.15) vai nos dizer que, “a velhice é a parte do desenvolvimento humano integral e não uma predestinação ao fim”. Ou seja, é o resultado de um processo natural, no qual o indivíduo se modifica no passar do tempo.

Dada essa complexidade do processo de envelhecimento, Bosi (1994, p. 77) lembra que:

“Além de ser um destino do indivíduo, a velhice é uma categoria social. Tem estatuto contingente, pois cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do homem. A sociedade industrial é maléfica para a velhice. Nas sociedades mais estáveis um octogenário pode começar a construção de uma casa, a plantação de uma horta, pode preparar os canteiros e semear um jardim. Seu filho continuará a obra”.

Portanto, segundo o que afirma a autora, a velhice é algo inevitável ao ser humano, pois faz parte de seu destino, compreendemos que é natural a pessoa idosa sofrer transformações ao longo da vida, porém, a forma de como o velho é visto e tratado na sociedade varia de contexto para contexto, pois cada comunidade tem seu modo específico de lidar com a velhice.

No Brasil, é bem notório que quando o sujeito chega à terceira idade, em muitas vezes, se sente um inútil, pelo fato de não produzir mais, nem levar a vida como antes, de se vê dentro de casa, excluído de uma forma ou de outra da sociedade, e isso causa um grande desconforto emocional. Além de todos esses fatores, o velho ainda tem que conviver com uma série de preconceitos e com a violência. As mais comuns são: maus tratos, abandono, negligência, violência psicológica e violência física. O número de denúncias no Brasil cresce cada vez mais. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE -2013, o percentual de óbitos de idosos causados por acidente ou violência é de 3,5%, ocupando o 6º lugar na mortalidade.

Infelizmente, muito desses danos são causados por familiares ou alguém próximo. Outra queixa muito comum é a de parentes que se apropriam de pensões e benefícios, ou até mesmo, subornando os idosos. Quem deve administrar o dinheiro é o idoso, mas nem sempre o mesmo tem condição física nem psicológica de cuidar de si e nem de administrar seu dinheiro, por isso, se verem obrigados a deixar nas mãos de outras pessoas.

Em razão disso é que se entende a importância do cuidado, do afeto e do carinho da família para com o idoso. Para Caldas (2003, *apud*, Jede e Spuldar, 2009), o papel da família é fundamental na vida do idoso, pois predomina como alternativa no sistema de suporte informal aos anciões. A família é seu habitat natural, é nela que o ancião deposita sua confiança e fragilidade, acreditando nele, que receberá o apoio necessário por parte de seus parentes. Porém sabe-se que essa reciprocidade nem sempre acontece

Mas essa responsabilidade não cabe somente à família, o estado, como toda a sociedade deve ser responsável por zelar pelos direitos e bem-estar dos nossos idosos. Pensando nisso é que foi criado em 2003 o Estatuto do Idoso - que prioriza os direitos das pessoas da 3ª idade. E o Art 3º, vai nos dizer que é:

“Obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária”.

Portanto, é obrigação de toda a sociedade cuidar, respeitar e proteger os nossos idosos, independentemente de sua classe social, cultural e religiosa, pois é através deles que adquirimos valores essenciais para nossa formação humana e que são repassados de geração para geração, além disso, os idosos são vistos por muitos como transmissores de conhecimentos.

Antigamente em diferentes culturas o idoso era referência de sabedoria, sendo ele o responsável por transmitir oralmente as histórias e tradições de um povo. Desde cedo os familiares ensinavam aos filhos a ouvir e respeitar os mais velhos, que eram vistos pelos demais familiares como o patriarcal, no qual todos deviam ouvi-lo e obedecê-lo. Ao velho era concebido todo o poder de chefe familiar, cabendo esse papel na maioria dos casos ao homem, pois a mulher era vista diante da sociedade com menos autoridade para governar uma família, porém, devido aos movimentos sociais ocorridos em defesa da mulher nos dias de hoje, ela é vista de forma diferente na sociedade, tornando-se independente e ocupando cargos de destaque social. .

No entanto, a partir da metade do século XX, com os avanços tecnológicos e o desenvolvimento social, o modelo de família tradicional brasileira sofre algumas transformações e alguns valores são deixados de lado. O velho passa a ser tratado por muitos de forma diferente, pois o que antes era tradição - a família se reunir para aprender com seus pais, avós ou outros familiares as histórias e experiências contadas por eles aos mais jovens atualmente foi deixado de lado, dando espaço a novos costumes. Ou seja, há um novo modelo de família moderna brasileira que prioriza o “ter” e renega seus próprios valores em razão de se ter êxodo nas conquistas financeiras, profissionais, entre outras.

O consumismo desregrado, a globalização e o desenvolvimento industrial são alguns dos responsáveis por algumas dessas mudanças no ambiente familiar. Exemplo disso são os jovens que antes paravam para ouvir os mais velhos e hoje, a maioria não dá mais importância a esses valores, dando espaço a outras preferências, como a tecnologia que lhe é oferecida. Mas não é só isso, atualmente o idoso é desvalorizado também no campo da produtividade pelo fato do mesmo não

ter mais tanta garra para o trabalho ele é visto diante do capitalismo como alguém que não serve mais.

Resende (2008, p. 51) considera que “as inúmeras transformações da família, principalmente na sua estrutura, são decorrência das mudanças ocorridas nas condições econômicas, nos processos de trabalho e nas relações sociais em geral”. Com base nessa afirmação, a autora declara que isso nos permite inferir que a propagada “desorganização familiar” é apenas aparente, pois na verdade estes são alguns dos aspectos da reestruturação pela qual ela vem passando.

Compreendemos assim, que todos esses fatores que vêm ocorrendo na estrutura familiar, além de ser resultado de um processo de transformação que acontece no decorrer do tempo, é também reflexo do novo mundo capitalista que prioriza cada vez mais a desigualdade entre as classes, principalmente as menos produtivas como é o caso dos idosos, visto que os mesmos não contribuem de forma abrangente para o sistema. Porém, é preciso que se tenha consciência de que todo ser humano merece respeito e dignidade, seja criança, jovem ou idoso, independentemente do fato de ser produtivo ou não.

Afinal, de acordo com Bosi (1994, p. 14), é com os velhos que se promove a continuidade da cultura e da educação. Observe”, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas, como desnecessárias”. Podemos deduzir, portanto, que o ancião constitui uma espécie de mediador de saberes que traz consigo toda uma sabedoria e experiências vividas.

2.1 A solidão na velhice

De um modo geral a velhice, muitas vezes, vem acompanhada pela degradação das condições físicas e sociais e, diante de uma sociedade que prioriza a juventude e a produtividade advindas de sua força de trabalho, envelhecer se torna um fenômeno complexo se considerar que a pessoa idosa não é mais vista como produtiva e sim, como receptiva de direitos econômicos e sociais.

A sociedade costuma encarar a solidão como um fator comum na vida dos mais velhos e de fato isso não deixa de ser verdade. Ocasionalmente por diversos fatores este é um sentimento que está intimamente ligado com a velhice, visto que é considerado normal essa idade vir associada a solidão, devido as perdas que o

sujeito de uma forma ou outra sofre durante o percurso vivido. Ou seja, é na velhice que o indivíduo encontra- sena maioria das vezes sozinho, sem muitas ocupações e sem esperanças futuras, pois com o decorrer da idade este grupo reduz suas atividades na comunidade e passa a conviver apenas com as lembranças de um tempo em que se achava útil e importante para o meio.

Fernandes (2000, *apud*, Freitas, 2011, p. 22) sugere que a solidão é “um sentimento que consiste no isolamento emocional que resulta da perda ou inexistência de laços íntimos e do isolamento social”.

Diante desta complexidade da velhice é importante salientar o que dizem os autores a respeito dos vários fatores que leva o sujeito a um estado de solidão. Entre os mais estudados estão o fraco estado físico e emocional, as perdas de cônjuges que ocasiona a viuvez, a morte de filhos ou parentes próximos ou até mesmo o baixo rendimento, as doenças ou a falta de amigos.

Segundo Sequeira e Silva (2002, *apud*, Teixeira, 2010) em pesquisas realizadas em torno da problemática entre grupos de idosos casados, não casados e viúvos, constataram que há uma diferença significativa entre estes: o grupo de idosos casados manifestou menos sentimento de solidão em relação aos demais. De acordo com os autores as pessoas idosas que têm companhia, para dividir com elas momentos da vida, são mais felizes e portanto não sofrem tanto com os transtornos que causam a solidão.

Neto(2000, *apud*, Azeredo e Afonso, 2016,) defende esta mesma idéia, mostrando em seus estudos que as pessoas que não estão casadas sofrem mais de solidão que as casadas. Principalmente as mulheres viúvas, por terem uma maior expectativa de vida em relação aos homens. Diante disto, é importante frisar a importância da companhia de um cônjuge na terceira idade, assim como de toda a família, pois na medida em que o tempo evolui os filhos seguem suas vidas e o idoso deixa de ser prioridade, passando a viver muitas vezes sozinho. Diante disto, percebe-se que a falta de companhia é motivo primordial da depressão, doença que afeta um alto número de idosos em todo mundo.

Fernandes (2000, *apud*, Freitas, 2011, p.21) define a solidão como sendo “uma experiência subjetiva que pode ser sentida não só quando se está sozinho, mas quando se está na companhia de pessoas com as quais não se deseja estar”. Isto é, o sentimento de solidão não está relacionado somente com a falta de

companhia, mas a forma pela qual o sujeito é tratado e como ele se sente perante estas companhias.

Neto (2000, *apud*, Azeredo e Afonso, 2016, p.2) refere que “a solidão não é causada por estar só, mas por não se ter determinada relação de que a pessoa está necessitada, havendo, assim, uma sensação desagradável de vazio”.

Portanto, diante do que foi dito, compreendemos que a solidão é causada por diferentes fatores e que ela não está exclusivamente ligada ao fato do indevido ter ou não uma companhia ao seu lado, pois não é necessário somente que o idoso tenha pessoas a sua volta, mas é de extrema importância que o mesmo se sinta aceito e bem tratado no meio em que vive para que com isso venha ter uma vida mais feliz e saudável. Ou seja, o sujeito idoso necessita de companhias da mesma forma que precisa de carinho, cuidado, zelo e afeto.

3 LEITURA DE “CLÍNICA DE REPOUSO”: um retrato da realidade

Uma vez que pretendemos analisar o conto “Clínica de repouso” centramos a atenção no comportamento dos seus personagens principais, consideramos importante lembrar a definição de Brait (1985, p. 12) a respeito desse elemento estrutural da narrativa. Segundo a autora podemos definir personagem como habitante de uma realidade ficcional, no qual a matéria de que é construído e o espaço em que vive se diferencia dos seres humanos, mas reconhecendo também que essas duas realidades estão intimamente ligadas uma à outra. Nesse sentido, podemos afirmar que dona Candinha, sua filha Maria e o pretense genro João, personagens de Trevisan no conto em análise, se aproximam bastante dos homens e mulheres que povoam a cidade grande e moderna que caracteriza a sociedade atual que tão bem é retratada por Trevisan em suas obras. Principalmente porque o conto gira em torno de uma situação familiar muito comum: as moças arrumam um namorado e querem a todo custo que os pais aceitem suas escolhas, sem questionar, sem entender que tal imposição pode infringir os princípios e valores dos pais. Essa é, aliás, a ação narrada por Trevisan em “Clínica de repouso”. E como não aceita a decisão da filha, dona Candinha, que se sente “desmoralizada” perante a intolerância de Maria, é punida e passa a “viver” num abrigo para idosos.

Diante desse contexto, percebe-se uma ruptura no modelo de família. De início fica claro que Candinha, personagem principal, é a responsável pela casa.

Mediante a ausência da figura paterna, a senhora se torna matriarca da família. Para a época, isso é um fato incomum, pois a sociedade via a mulher muita das vezes somente como dona de casa e mãe. Todavia, se a mulher é viúva, cabe a ela as responsabilidades familiares, que é o caso de Candinha.

Alem disso, o conto também nos traz uma reflexão de como o velho é visto na sociedade desde de sempre, e qual o lugar que o mesmo ocupa. Levando em consideração o período em que a obra foi escrita, compreendemos que a desvalorização com a pessoa idosa não é algo recente, mas é uma questão que acompanha a humanidade dias após dias, porém com as mudanças e transformações que o capitalismo trouxe, essas desvalorizações se fortaleceram cada vez mais.

3.1 Desvendando o enredo de “Clínica de repouso”

O conto se inicia com a chegada de Dona Candinha na sala, sendo surpreendida com a presença da filha e um moço aparentemente desconhecido no sofá, se deliciando com vinho e broinha de fubá mimoso. Maria, logo apresenta o moço a mãe. “Mãezinha, este é o João” (TREVISAN, 1995, p. 18) e logo em seguida o “tipo de bigodinho”, assim como é chamado pelo narrador, vai beijar a mão da velha que de imediato rejeita sua gentileza. Mas mesmo com a atitude da mãe, Maria pede permissão para hospedar o rapaz na casa da família como um amigo, alegando que o mesmo encontra-se desempregado e, sem conhecer ninguém em Curitiba, não podia pagar pensão até conseguir emprego.

O narrador mostra a nítida intenção da filha em acomodar o João, porém, precisa da permissão da mãe, já que é ela a responsável pelo lar. E para que Candinha aceite o moço em sua casa Maria mente, falando que se trata de um amigo, pois bem sabia ela que se falasse para a mãe que se tratava de um namorado, a mãe, mulher conservadora e cheia de princípios formados, não aceitaria um homem que não tem nenhum tipo de parentesco com a família, dentro de sua casa, isso não poderia ser; era uma desmoralização com a mãe, além de comprometer a filha.

Porém, os dias se passam e Dona Candinha, que demonstra já estar incomodada com a presença do rapaz, fica inconformada ao descobrir que ele já tem um emprego e que é namorado da filha, ou seja, a mãe descobre que a filha

mentiu para ela, certamente para que o moço permanecesse na casa da família, fato que torna a relação dos três ainda mais complicada, pois a velha exige explicações dos dois diante dessa situação. Porém, João tenta convencê-la de seu bom caráter e simplicidade para permanecer na casa: “sou moço simples, minha senhora. Uma coxinha de frango é o que me basta. Ovo frito na manteiga.” (TREVISAN 1995, p.18). Percebe-se então que João tem intenção de permanecer na casa, certamente pelo fato do mesmo morar e comer de graça na residência. No entanto, a senhora não se rende aos desígnios do homem.

Com o passar dos dias a relação entre Maria e o João torna-se cada vez mais íntima e Dona Candinha aproveita a ausência da filha e vai até o quarto do jovem pedir que o mesmo saia de sua casa, porém, a filha questiona a opinião da mãe e as duas discutem. João, diante da situação, decide ir embora, deixando Dona Candinha muito feliz. “Manhã seguinte a velha pulou cedo, alegrinha espanou os elefantes coloridos de louça”.(TREVISAN, 1995, p.18). Maria, vendo a situação, imagina que a mãe não está tão doente, então ameaça sair de casa se o moço não voltar, alegando que será uma vergonha, pois a sociedade irá vê-la como uma qualquer que abandona o lar para viver com um homem sem que tenha acontecido o matrimônio. Porém, Candinha tenta convencê-la a mudar de opinião e diz para não confiar no João: “menina, não se confia em moço com dente de ouro” (TREVISAN, 1995, p.18).

Contudo, Maria não ouve a mãe e passa a ter um outro comportamento perante ela; são discussões, insultos, agressões verbais contra a senhora: “velha doida, maníaca, avarenta”. (TREVISAN, 1995, p.18). A senhora, novamente de cama há três dias, devido ao estado emocional que se encontra em decorrência das brigas com a filha, recebe a visita do médico que é apresentado pelo narrador como alguém gordo e perfumado. “introduz o gordo perfumado” (TREVISAN, 1995, p.19). Candinha é levada para o asilo “Nossa Senhora da Luz” onde passa a viver com algumas dificuldades devido à falta de conforto e o tratamento do local, pois o texto remete a um ambiente sujo e mal cuidado “nunca entrava sol no pavilhão, a umidade escorria da parede” (TREVISAN, 1995, p. 18). Além disso, os idosos eram punidos se reclamassem de algo. “quem reclama leva choque (...), era o sistema do doutor alô” (TREVISAN, 1995, p.19). Outro fator preocupante era a alimentação, pois “Dona Candinha sustentava-se a chá de mate e biscoito duro. Engolia o caldo ralo de repolho,” (TREVISAN, 1995, P.19).

3.2 A realidade dura e cruel da “Clínica de repouso”

Levando em consideração alguns comentários críticos apreciados para a realização desse trabalho sobre a obra de Dalton Trevisan, identificamos um dos aspectos de sua literatura: o fato de dois de seus personagens se chamarem João (nome do namorado da filha de dona Candinha) e Maria (filha de dona Candinha). Não sabemos ao certo o porquê de o autor adotar esses nomes de forma recorrente. Uma hipótese colocada pela crítica é a de que se tratam de nomes comuns na sociedade. Ou seja, gente comum, vivendo situações do cotidiano, como revela o início do conto: a história começa com a apresentação da casa da família como um ambiente simples, com comidas regionais: “o vinho e broinha de fubá mimoso”. (TREVISAN, 1995, p. 18).

A chegada de João provoca o conflito familiar que colocará em evidência alguns valores questionados no conto: o valor do casamento – na medida em que Maria traz o namorado para morar com ela sem sequer consultar a mãe e obviamente sem serem casados legalmente, algo inaceitável para a geração de dona Candinha. O homem ainda passa a ser sustentado por Maria, outro ato incomum aos olhos de dona Candinha e da sociedade. Esta entendia que tradicionalmente o homem deveria trabalhar e prover o sustento da casa e da mulher e a esta caberia o cuidado do lar e dos filhos. Tal crítica se evidencia no conto se analisarmos individualmente os traços dos três principais personagens dessa trama. Vejamos:

Dona Candinha, mãe e matriarca da família se apresenta como a mulher conservadora do século XX, que busca defender os princípios e a honra da filha. Inicialmente o texto se dirige a protagonista como mulher de mais idade, pois o autor em vários momentos usa o adjetivo “velha” para se referir a ela. Já na primeira página, com o desenvolvimento da história, em uma das falas o narrador traz ao leitor a visão de como a sociedade de alguma maneira enxerga a velhice, mostrando que desde sempre o velho foi desvalorizado perante a sociedade: “Maria era maior, podia entrar a hora que quisesse, a velha estava caduca” (TREVISAN, 1995, p.18). Temos aqui o encontro e ao mesmo tempo o desencontro de duas gerações: dona Candinha, sem autonomia e o direito a voz, dada a falta de domínio sobre si mesma (por estar “caduca”) e Maria, que demonstra ter autoridade para fazer o que quisesse.

Num primeiro momento o narrador usa o diminutivo “mãezinha” para descrever Maria como uma filha harmoniosa para com a mãe - “mãezinha este é o João” (TREVISAN, 1995, p.18); em outra passagem em uma das falas da mãe ela diz “menina tão amorosa”. Ouseja, nitidamente deixa notório que a filha tem uma boa relação com Candinha. Além de mostrar que Maria é uma mulher independente, que trabalha fora para se sustentar, característica que demonstra uma certa transformação da visão feminina diante da sociedade da época – Maria se aproxima da mulher atual, moderna, que trabalha para obter o próprio sustento. O conto não deixa claro em que a moça trabalha, mas afirma que ela era colega de repartição do noivo. Deduzimos que havia uma relação de convivência de companheirismo entre mãe e filha que é quebrada com a chegada de João. Maria parece se transformar – deixando de ser uma menina doce e companheira para se tornar uma mulher arrogante e autoritária ao ver seu romance ser contrariado pela mãe.

A oposição de dona Candinha parece se justificar na medida em que ela percebe que João se revela um típico malandro brasileiro do século XX, já que no conto ele é caracterizado como um “tipo de bigodinho e dente de ouro” (TREVISAN, 1995, p. 18) que encanta as mulheres e busca tirar proveito delas. João, ao se mudar para a casa de Maria e ser literalmente mantido financeiramente por ela, remete a figura do homem aproveitador que usa a mulher para satisfazer seu ego, buscando nelas prazeres sexuais e financeiros. Ainda mais, vale lembrar que ele é dez anos mais jovem que Maria, dando a entender que se trata de um relacionamento por interesses. Ou seja, ele não passa de um oportunista.

O confronto entre mãe e filha se intensifica e o conto acaba revelando uma inversão de papéis familiares, pois Maria passa a viver em casa com o namorado, desrespeitando a vontade da mãe, a qual, por não aceitar o namoro da filha, acaba sendo internada num asilo chamado “Nossa Senhora da Luz”. Apesar do ambiente levar esse nome, o conto remete a um local assombroso, mal estruturado e sujo: “nunca entrava sol no pavilhão, a umidade escorria da parede”(TREVISAN, 1995, p. 18). O espaço se mostra o oposto do que sugere o nome: aparentemente um ambiente sem vida, sem luz e sem condições adequadas para atender os pacientes.

Outro fator preocupante revelado no conto é a forma como os idosos são tratados, pois “quem reclama leva choque (...), era o sistema do doutor alô” (TREVISAN, 1995, p.19) não só choque, mas injeção na espinha e insulina na veia. O doutor alô a quem o narrador se refere dar a entender que é algum médico

responsável pelo asilo; a alimentação servida aos internos intensifica a falta de condições do espaço e dos maus tratos sofridos pelos velhos internos: pois Candinha alimenta-se de “chá e biscoito duro” e “caldo ralo de repolho”.

A partir de todos esses índices que demonstram o grande descaso no tratamento dispensado aos idosos em abrigos desse tipo (como o descrito no conto em estudo), podemos afirmar que o narrador faz uma denúncia de como o sistema de saúde de nosso país trata o idoso: com descaso, maus tratos, tratamento de choque que desumaniza e os torna reféns dos próprios familiares que os abandonam nesses lugares – verdadeiros circos de horror.

Maria não demonstra sinal de arrependimento ou remorso por ter deixado a mãe no asilo, afinal, com a mãe fora de cena, ela poderia viver em paz com João. Enquanto Candinha se esforça para comer o horrendo “caldo ralo de repolho”, o moço regalava-se a “ovo frito na manteiga e coxinha de frango”. Ou seja, enquanto a mãe está em um asilo aparentemente sem nenhuma condição de bem-estar, a casa onde a mesma viveu, agora pertence à filha e ao noivo, não por direito, mas por uma imposição da filha, que demonstra usurpar os direitos da própria mãe.

Ao final do conto o narrador mostra a protagonista vivendo seu solitário destino: dona Candinha recebe raramente a visita da filha e suas únicas distrações é ouvir o rádio de dia e a noite:

“De dia o rádio ligado a todo o volume. À noite, a gritaria furiosa das lunáticas. Sentadinha na cama, distrai-se a velha a espiar uma nesga de céu. Com paciência, amansa uma mosca das grandes, que vem comer na sua mão arrepiada de cócega. Há três dias, afeiçoada à velhinha, não foge a mosca por entre as grades da janela”. (TREVISAN, 1995, p. 20)

A doçura da velha, mesmo perante a sua condição de abandono, pois quando em uma das raras visitas da filha, que reclama com a mãe porque não se levanta sequer para tomar sol, o narrador diz que ela afirma “docemente”: “Vá-se embora”, comove até mesmo ao narrador, que finaliza o conto se referindo à dona Candinha como a “velhinha” que desfruta unicamente da companhia de uma mosca. A imagem trágica da mosca “amansando” a velhinha dá conta do abandono e da solidão que marca os dias da personagem, que se refugia na “companhia” de um inseto. A degradação do confinamento da velha remete para a degradação dos valores e sentimentos em que se encontra a sociedade atual, que banaliza não apenas o velho, mas a criança, o trabalhador, enfim, o homem, que vem figurando como uma

peça no jogo de um capitalismo selvagem que parece levar a humanidade para o caos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos personagens centrais do conto “Clínica de repouso” evidencia uma realidade cruel e injusta em relação ao modo como a velhice é encarada por muitas famílias e outros segmentos da sociedade, principalmente na atualidade, em que vivemos um regime social e econômico que valoriza a produção, o consumo e o bem estar de maneira exagerada, provocando a banalização do homem e de suas relações.

O conflito vivenciado por dona Candinha é o de tantas famílias que não tendo tempo para dispor aos seus idosos acabam levando-os para asilos ou casas de caridade, já que estes não produzem mais e, portanto, não importa mais ao sistema produtivo, tornando-se descartáveis aos olhos daqueles que deveriam cuidar e respeitar. Seja pela correria do dia a dia ou a falta de condições de sustentar o idoso, o fato é que o velho se tornou um estorvo na sociedade capitalista e na medida em que contraria as decisões e atitude dos filhos, como mostramos no conto analisado, acaba sendo descartado de alguma forma pela família e, por extensão, pelo estado, que não oferece política pública que possibilite ao idoso uma vida digna. Lembramos que mesmo contra sua vontade, Candinha é ameaçada pela própria filha: “A senhora vai por bem - intimou a moça – ou vai a força” (TREVISAN 1995, p.19). Sem força para contestar e se impor perante a filha, a senhora é obrigada a se resignar e cumprir a ordem da filha.

Percebemos dois tipos de abandono para com o velho presentes no conto analisado: o abandono material, que é quando Candinha é levada para o asilo e naturalmente é movida a deixar a casa e tudo o que lhe pertence. E o abandono afetivo, que corresponde à falta de afeto, de carinho e de companheirismo ocasionado pela ausência da filha. De um modo geral, consideramos que o abandono afetivo é o mais prejudicial na vida do idoso, pois leva o mesmo a um extremo estado de solidão, podendo trazer para sua vida diversos fatores psicológicos, entre outros problemas de saúde.

Ao refletirmos acerca da curta narrativa de Dalton Trevisan, verificamos ainda o quanto a sociedade encara a velhice de forma insignificante. Reiteramos que para

muitos o idoso não passa de um fardo ou simplesmente alguém que está incluso na família só esperando a morte, e que, portanto, não acrescenta mais em nada para aqueles que estão ao seu redor. Essa indiferença é cruel e desumana. O final trágico do conto denuncia tamanha crueldade, ao ser concluído com a descrição do abandono de Candinha, que “sentadinha na cama, distrai-se a velha a espiar uma nesga de céu”. Enclausurada, mal tratada e abandonada pela filha. Diante do que vimos, podemos compreender ainda que os dois elementos simbólicos da narrativa, ou seja, a mosca e a nesga de céu, por serem algo quase insignificantes, simbolizam a solidão e o abandono vivido por Candinha, pois, mediante a situação em que se encontra a senhora, o inseto passa a ser sua única companhia. Será esse o merecimento de uma vida inteira de dedicação ao lar, educação dos filhos e contribuição com o sistema produtivo? Vale a pena supervalorizar o ter em detrimento do ser? Até quando o velho vai continuar sendo vítima de seus destinos e sendo recompensado com a solidão e o abandono?

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. *A Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOSI, E. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BRAIT, B. *A personagem: serie princípios*. São Paulo: Ática, 1985.

BRASIL. *Estatuto do Idoso*: (2003). Lei nº10.741, de 1 de outubro de 2003. Dispõe sobre o estatuto do idoso e das outras providências. Brasília: Senado Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm: Acesso em: 09 de janeiro de 2017.

BRASIL. *Instituto de Geografia e Estatística - IBGE*. Pesquisa Nacional de saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Fiocruz. 2013. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em: 12 de dezembro de 2016.

CALDAS, C, P. "Envelhecimento com dependência, responsabilidades e demandas da família". Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 19, n, 3, 2003. In: Jede, Marina e Spuldar, Mariana. *Cuidado do Idoso Dependente no Contexto familiar: uma revisão de literatura*, RBCEH. Passo Fundo, 2009.

DALTOÉ, M, L, S. *Discriminação do Velho na Sociedade Contemporânea - Uma Revisão*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do grau de Bacharel no curso de Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC. 2009. Disponível em: www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000041/000041C4.pdf. Acesso em: 20 de janeiro de 2017.

FERNANDES, P. A depressão no idoso. Coimbra: Quarteto Editora, 2000. In: FREITAS, P. C. B. *Solidão em idosos*. Percepção em Função da Rede Social. Braga, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/8364/1/SOLID%C3%83O%20EM%20IDOSOS.pdf>. Acesso em: 07 de abril de 2017.

FRAIMAN, A, P. *Coisas da Idade*. In: DALTOÉ, M, L, S. *Discriminação do Velho na Sociedade Contemporânea - Uma Revisão*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do grau de Bacharel no curso de Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC. 2009. Disponível em:

www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000041/000041C4.pdf. Acesso em: 20 de janeiro de 2017.

MOTTA, A, B. *As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento*. Cadernos Pagu: Gênero em gerações. Campinas, Editora Unicamp, 1999.

NETO F. *Psicologia Social*. Vol. 3. Lisboa: Universidade Aberta; 2000. In : AZEREDO, Z de A e AFONSO, Maria Alcina Neto. *Solidão na perspectiva do idoso*. Rio de Janeiro 2016.

NOGUEIRA JR, Arnaldo. *Dalton Trevisan*. Disponível em: http://www.releituras.com/daltontrevisan_bio.asp. Acesso em: 11 de novembro de 2016.

REZENDE, C, B. *A velhice na família: estratégias de sobrevivência*. 2008. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2008.

SEQUEIRA, A., & Silva, M. N. *O bem-estar da pessoa idosa em meio rural*. Análise Psicológica. 2002. In: TEIXEIRA, L, M, F. *Solidão, Depressão e Qualidade de Vida em Idosos: um estudo avaliativo exploratório e implementação-piloto de um programa de intervenção*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia. Secção de Psicologia Clínica e da Saúde Núcleo de Psicologia da Saúde e da Doença 2010.

TREVISAN, D. *Clinica de Repouso*. In: Gomes, Alvaro, Cardoso e Vechi, Carlos, Alberto. *Literatura Comentada*. Seleção de textos, estudos biográficos, histórico e crítico, São Paulo, 1981.

TREVISAN, D. *O pássaro de cinco asas*. São Paulo: circulo do livro, 1995.